

Título: **Recensão: FRANCO JÚNIOR, Hilário – *Cocagne: Histoire d'un pays imaginaire*. Préface de Jacques Le Goff. Paris: Les éditions Arkhê, 2013, 380 pp. [ISBN: 978-2-918682-2-19].**

Autor: **Isabel Barros Dias**

Universidade: **Universidade Aberta – Departamento de Humanidades**

Faculdade e Departamento / Unidade de Investigação: **IELT-EISI / IEM (FCSH-UNL)**

Código Postal: **1269-001 Lisboa**

Cidade: **Lisboa**

País: **Portugal**

Contacto: **isabel.dias@uab.pt**

Fonte: *Medievalista* [Em linha]. Direc. José Mattoso. Lisboa: IEM.

Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/>

ISSN: 1646-740X

**Data do texto: Setembro de 2014**



## Recensão

**FRANCO JÚNIOR, Hilário – *Cocagne: Histoire d'un pays imaginaire*. Préface de Jacques Le Goff. Paris: Les éditions Arkhê, 2013, 380 pp. [ISBN: 978-2-918682-2-19]**

*Isabel Barros Dias*

*Cocagne: Histoire d'un pays imaginaire* consiste na reedição do livro de Hilário Franco Júnior *Cocanha. A história de um país imaginário*, inicialmente publicado em São Paulo, em 1998, e que agora reaparece em versão traduzida para o francês e revista pelo autor.

O autor inscreve o seu trabalho na “história social do imaginário” (p. 14), convocando para o seu desenvolvimento três grandes áreas disciplinares: o imaginário, a literatura e a história, socorrendo-se ainda, pontualmente, da análise lexical e da etimologia, bem como de conceitos da sociologia e da psicologia. O estudo parte de um texto literário produzido no Norte da França, em meados do século XIII, o *Fabliau de Cocagne*, para identificar ideias e sentimentos que são seguidamente articulados com o contexto social e histórico coevo. O imaginário não é aqui entendido ao nível da imaginação individual, nem como a soma destas imaginações, mas sim como uma estrutura complexa onde se integram mitos, ideologias e utopias (p. 16). Assume-se igualmente que o imaginário integra os traços distintivos de cada sociedade, sendo por isso uma via privilegiada para o entendimento dessa mesma realidade.

Apesar de refletir os anseios e as necessidades profundas de um dado grupo num determinado momento histórico, o *Fabliau de Cocagne* constituiu igualmente um fenómeno de longa duração. Por um lado, considera-se que terá reunido traços essenciais reportáveis a meados do século anterior e, pelo outro lado, verifica-se que o

tema perdurou, por vezes com outras designações, mas mantendo o mesmo sentido, até aos séculos XVIII-XIX, tendo ainda sido identificado um folheto de cordel de meados do século XX que também aborda o tema da Cocanha. A estrutura do livro espelha esta realidade: a sua maior parte é dedicada a uma profunda análise temática do *fabliau* francês que despoletou o assunto (cap. I a V) sem, no entanto, descurar a existência de ecos e de sequelas, apresentados e comentados nos dois últimos capítulos (VI e VII).

O estudo do *Fabliau de Cocagne* começa pela identificação de múltiplas semelhanças com textos e tradições anteriores (orientais, clássicas, bíblicas, celtas, escandinavas, muçulmanas e cristãs medievais) e pela diversidade da sua consideração pela crítica precedente (paródia, utopia, mito, representação do *topos* do mundo às avessas, expressão folclórica...), passando o autor seguidamente à consideração de quatro grandes temas, apresentados como estruturantes desta “utopia de evasão” (p. 21) que concretiza e dá resposta a fantasmas alimentares, sexuais e sociais: a abundância, a ociosidade, a juventude e a liberdade.

A ideia da Cocanha como terra da abundância será uma resposta à ameaça real e permanente da fome, bem como à imposição de dias de jejum e de abstinência, à condenação do pecado da gula por oposição ao louvor do ascetismo, e ainda à penúria de bens como roupa e calçado. Estas necessidades terão estimulado sonhos de abundância onde o instinto primordial da vontade de comer é satisfeito em abundância, gratuitamente, para todos e de modo luxuoso.

Contrariando o prestígio crescente do trabalho, assente em valores burgueses e eclesiásticos, a Cocanha apresenta-se como o local onde a ociosidade é recompensada, assumindo-se aqui a perspetiva aristocrática do desprezo pelo trabalho e ideias de algumas correntes de pensamento da época. O autor salienta ainda o ultrapassar das condicionantes espacio-temporais: a Cocanha surge como um não espaço ao qual não se sabe como chegar (na linha da tradição das viagens iniciáticas, para o Além ou para Outros Mundos) e, além disso, o facto dos excessos e das festas serem contínuas, rompe a noção de tempo marcada pela sucessão de dias de trabalho e festivos. O dinheiro torna-se inútil porque tudo é grátis e a usura perde sentido, também porque o tempo deixa de existir nos moldes tradicionais.

Cocanha é ainda o local onde se realiza o sonho da juventude eterna e onde se vive em liberdade. O autor sublinha aqui o valor do riso como elemento rejuvenescedor, além de

libertador enquanto forma de lidar com angústias, medos, tabus e sentimentos mais constrangedores ou perturbadores e, nesta linha, estabelece algumas comparações com festas carnavalescas, dando especial atenção aos charivaris. Enquanto terra de liberdade, Cocanha apresenta-se como uma resposta à organização da sociedade medieval. Os poderes instituídos são desafiados pela proposta de uma sociedade na qual traços anarquistas podem ser vislumbrados: não existe estado, nem dinheiro, nem repressões e vive-se em total liberdade, prazer, concórdia e felicidade. No que se refere à liberdade sexual, entre os modelos cristão (moral) e o cortês (adúltero, anti-cristão), Cocanha propõe uma terceira via, a da liberdade sexual e da escolha livre de parceiros. A orgia que se concretiza numa vida dedicada a comer, beber e fazer amor configura-se assim como alternativa à organização social e à moral cristãs. A importância dada à liberdade permite ainda a aproximação do *fabliau* à poesia dos goliardos, sendo aqui sublinhado o papel sociopsicológico e de divertimento de alguma poesia que permite ultrapassar os problemas da realidade objetiva.

A articulação entre a realidade histórico-social e a sua projeção onírica de negação e substituição motiva vários excursos mais pontuais e com bastante interesse como as considerações sobre os gostos medievais quando o autor compara o que se come na Cocanha com o que se produzia e comia na época (sublinhando-se aqui que na Cocanha se verifica a ausência dos alimentos de base na época, como pão, sopa, queijo e vegetais, sendo estes alimentos pobres substituídos por comida de luxo, sobretudo ao alcance dos nobres: carne, peixe, vinhos e sobremesas). O tema da juventude eterna serve de pretexto para observações sobre os conceitos de jovem e de juventude (e sua independência relativamente à idade física) de acordo com o sistema de valores aristocrático, bem como sobre o significado da barba. A leitura do *fabliau* como possível descrição paródica dos banquetes das confrarias permite ao autor falar sobre estas estruturas de solidariedade no quadro de uma eventual crítica ao individualismo. A proposta de liberdade sexual veiculada pelo *Fabliau de Cocagne* remete para considerações sobre a sexualidade medieval e o seu controlo pela Igreja, aludindo-se, nomeadamente, à instituição do casamento nos séculos XI-XII e à sua inserção nos sacramentos, bem como a práticas, tabus, restrições e interditos impostos ao relacionamento sexual. Finalmente, a possibilidade de ler o texto como descrição idealizada e hiperbólica de uma taberna permite a aproximação com outros textos

poéticos sobre tabernas e quem as frequenta e algumas considerações sobre esta realidade social, a sua popularidade enquanto pequenos locais festivos da predileção dos goliardos; o seu papel cultural no que se refere à difusão da cultura popular oral; e enquanto objetos de desejo onde se bebe e se come guloseimas, frequentemente também associados a bordéis.

Outras leituras serão por ventura um pouco mais ousadas ou mesmo discutíveis, apesar de sugestivas, como a que entende o *fabliau* como a descrição alegórica de uma trajetória pré-natal ou um sonho uterino; a articulação com o pensamento de Amaury de Bène (panteísmo); a interpretação do *fabliau* como metáfora de uma peregrinação a Jerusalém, identificando-se o narrador com Cristo, Cocanha com Jerusalém enquanto terra de abundância e a Fonte da Juventude com o Santo Sepulcro; ou ainda, por analogia com algumas canções de goliardos, a possibilidade de ler o texto como paródia à corte papal enquanto local de vida fácil, de festa contínua e onde os interditos impostos aos clérigos (sexuais, alimentares, económicos) são quebrados. O autor salvaguarda, no entanto, o facto das várias sugestões apresentadas constituírem hipóteses de leitura, deduzindo-se, por conseguinte, que a apresentação de múltiplas possibilidades interpretativas decorre de uma vontade de exaustividade.

Um assunto transversal que percorre o livro é a questão do autor do *Fabliau de Cocagne*. Por um lado, é dado adquirido a impossibilidade de indicar um texto original ou um autor concreto, ao que acresce o facto do texto se apresentar como um mosaico de ecos e de influências diversas, eruditas e populares, o que pode apontar para a existência de várias camadas redacionais e para a possibilidade de um percurso na memória coletiva de transmissão oral prévio à sua colocação por escrito. Pelo outro lado, Hilário Franco Júnior procura, em vários momentos do seu texto, identificar indícios que possam apontar para um ambiente de produção e um perfil de autor. Considera que o *fabliau* expressa as inquietações de diversos grupos sociais dos séculos XII e XIII, nomeadamente, dos camponeses (sonho insatisfeito de saciedade), da burguesia (concretização das suas aspirações materiais e sociais), da pequena e média aristocracia (fuga relativamente à evolução da sociedade e à sua decadência face à burguesia) e dos estudantes e intelectuais errantes (fuga ao dogmatismo e à hierarquização sociais e eclesiásticas). Deste leque, é valorizada a possibilidade de o autor ter sido alguém da pequena aristocracia laica, reconhecendo-se no entanto também

o peso dos indícios que apontam para um elemento de uma confraria urbana. Este poeta anónimo poderá também ter sido um *trouvère*, um estudante ou, sobretudo, um goliardo. Estabelecidos os traços fundamentais que caracterizam Cocanha, o autor dedica os dois últimos capítulos do seu livro à fortuna medieval e pós-medieval do tema. O primeiro texto a retomar o assunto de que há conhecimento é o poema anglo-irlandês *The Land of Cokaygne*, de finais do século XIII ou inícios do XIV. Esta obra, claramente paródica, cujo autor terá sido um goliardo, adapta o tema a uma crítica feroz aos pecados de alguns monges (gula, luxúria, riqueza) enquadrável no contexto da rivalidade entre franciscanos e cistercienses, mais concretamente nas críticas que a ordem mais jovem e urbana dirigia contra o monaquismo tradicional. Várias diferenças entre os poemas francês e inglês são apontadas e esclarecidas com base em alterações do contexto histórico e social que viu nascer cada obra. O desenvolvimento da polifonia serve para justificar a presença de sons no poema inglês; a estética gótica explica a recorrência de referências à luminosidade e a valorização da luz, e o interesse por pedras preciosas e plantas remete para a sua relação com a farmacopeia e o interesse pelos elementos. Podemos, no entanto, perguntar-nos, até que ponto algumas das várias diferenças apontadas não serão possíveis nas duas épocas e nos dois locais, ou mesmo em qualquer época ou local, nomeadamente as que se referem ao modo de encarar a natureza ou a tendência mais paródica ou mais ideológica, traços estes que poderão radicar a sua origem em eventuais intenções, no modo de ser e de pensar, na maior ou menor capacidade de abstração ou ainda em simples idiosincrasias de cada autor independentemente de estes serem atualmente, para nós, anónimos.

Na sequência das mutações políticas, económicas, sociais, eclesiásticas e teológicas que se verificaram a partir do século XVI, o perfil sociológico do ideal da Cocanha altera-se. No entanto, a sua função de utopia de evasão permanece. Verifica-se o seu acantonar nas camadas mais pobres, enquanto representante do sonho de camponeses e do proletariado urbano, sendo olhada com desconfiança pela burguesia que a despreza como o ideal de preguiçosos e de vagabundos. Esta rejeição é reforçada pela sua associação às revoltas dos camponeses dos séculos XVI e XVII. Acresce ainda o facto da Cocanha divergir da corrente das utopias da época moderna, mais intelectuais e conservadoras, tanto nos temas, como nos valores.

A apresentação do trajeto do tema da Cocanha a partir do período moderno passa pela consideração não só de versões literárias e iconográficas, mas também pela associação do nome a jogos e divertimentos que, de algum modo, remetem para a ideia geral ou para algum dos *topoi* que a compõem. São assim assinalados vários testemunhos que, em diversos locais, se inspiraram ou retomaram o tema da Cocanha, independentemente de o criticarem ou não. De entre as relativamente poucas versões francesas, é destacada a obra de Rabelais, tal como a obra de Milton é sublinhada para a Inglaterra. Na Alemanha, as críticas contra a Cocanha, enquanto terra de tontos e de preguiçosos, foram acerbas, o que também fornece indicadores sobre a extensão e importância do conhecimento do tema. Para a Holanda são destacadas as representações iconográficas na tradição do *topos* do mundo às avessas, especialmente por Bruegel, que também assume uma postura crítica. No que às versões italianas se refere, além de um conto de Boccaccio, é salientada a projeção da noção de Cocanha no Novo Mundo, associação esta que também se verifica na literatura espanhola.

Depois do desaparecimento progressivo de testemunhos sobre a Cocanha na Europa, o tema ressurgiu em meados do século XX num folheto de cordel do Nordeste brasileiro, uma zona muito pobre com condições precárias e onde a estrutura social guardou traços arcaicos. O texto “Viagem a São Saruê”, de Manuel Camilo dos Santos, apresenta evidentes diferenças culturais, mas, de acordo com o autor, a sua estrutura de base é idêntica. Sugere-se que o tema poderá ter sido transmitido pela tradição folclórica vinda da Europa que poderá ter convergido com a memória de tradições indígenas preexistentes (tribos primitivas sem hierarquias sociais, polígamas, ociosas e onde se verificavam fomes endémicas). Independentemente da sua fonte, não deixa de ser de grande interesse a existência deste eco tropical de um tema medieval europeu, mais um entre os vários que a zona nordestina nos preservou.

O livro é antecedido por uma interessante apresentação da autoria de Jacques Le Goff, que destaca os elementos fundamentais da obra: a fertilidade dos estudos sobre a interação entre países imaginários e sociedades históricas uma vez que o imaginário é uma representação tão real como as outras, se bem que de acordo com outra lógica; a importância do mundo utópico, fora do tempo histórico, para a compreensão da sociedade medieval, suas contradições, pulsões, aspirações, revoltas e audácias; e os quatro temas de fundo subjacentes a Cocanha, país sem lei, limites ou repressão. A

bibliografia final é bastante completa apesar de se apresentar muito segmentada. As imagens que o livro integra são bastante eloquentes e ilustrativas do tema em análise e o índice remissivo é de grande utilidade.

*Cocagne: Histoire d'un pays imaginaire*, de Hilário Franco Júnior, é ainda um livro de leitura agradável, acessível a um público alargado e uma obra a reter pelo estudo global que desenvolve sobre um tema que ultrapassou o tempo e o local da sua origem e que, independentemente de ser produto de uma sociedade pré-industrial, não deixa de manter alguma atualidade enquanto reflexo de preocupações humanas e resposta a medos e anseios de caráter geral.

## COMO CITAR ESTE ARTIGO

### Referência electrónica:

DIAS, Isabel de Barros – “Recensão: FRANCO JÚNIOR, Hilário – *Cocagne: Histoire d'un pays imaginaire. Préface de Jacques Le Goff. Paris: Les éditions Arkhê, 2013, 380 pp. [ISBN: 978-2-918682-2-19]*”.

*Medievalista* [Em linha]. Nº 17 (Janeiro - Junho 2015). [Consultado 01.01.2015].

Disponível em

<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA17/dias1710.html>

ISSN 1646-740X.

